

## GT 15 Metodología y Epistemología de las Ciencias Sociales

ALINE YURI HASEGAWA<sup>1</sup> - Brasil

JAIME SANTOS JÚNIOR<sup>2</sup> - Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC – BRASIL

### O VIVIDO E O NARRADO: NOS MEANDROS DA MEMÓRIA

#### RESUMO

Os fios que unem a experiência do vivido, atados através das narrativas biográficas, compõem o que se transmuta em memória. Enquanto recurso metodológico, acessá-la significa a possibilidade de compreender como os indivíduos, ao rememorar-la, atribuem significados diversos as experiências acumuladas ao longo da sua existência. Antes, porém, é preciso compreender as trocas intersubjetivas que emergem na relação entre o pesquisador e do interlocutor. Esse é o desafio proposto por este estudo ao reunir as reflexões metodológicas contidas em duas pesquisas que, a despeito de temas e objetos distintos, recorrem, em suas análises, ao estudo da memória. Num primeiro momento, analisaremos como trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar, cingidos pelo signo da “precariedade”, elaboram um discurso em torno dos significados simbólicos que emergem na relação com essa experiência laboral. Ao fazê-lo, eis que emerge uma complexa trama de representações identitárias que, longe de evidenciar uma sujeição passiva, irrefletida, às situações em que vivem, revelam formas de resistências e estratégias de ação que deixam entrever o modo como opera a *reflexividade*. Em seguida, trataremos de analisar os processos históricos que permeiam o desaparecimento de bairros étnicos no município de Lucélia-SP, especificamente o bairro Balisa e o bairro União. Nestes dois exemplos de trabalho com memórias, será possível perceber por um lado como, a partir dos discursos dos próprios sujeitos que experimentam o cotidiano de trabalho, elaboram-se

---

1 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC, bolsista CAPES ([a.hasegawa@ufabc.edu.br](mailto:a.hasegawa@ufabc.edu.br))

2 Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Pesquisador Colaborador na Universidade Federal do ABC ([jaimesjr@usp.br](mailto:jaimesjr@usp.br))

um ponto de vista que contrasta com visões vitimizadoras de tais trabalhadores; e por outro, como se materializa um processo de apagamento histórico de modos de vida que, sem o recurso da memória dos que ali viveram e se recordam, continuariam esquecidos. A trama que envolve a compreensão dos elementos negociados intersubjetivamente e que são reeditados nas narrativas, o omitido e o lembrado, além do lugar que o sujeito ocupa na narrativa compõem o leque de questões que serão enfrentadas nesse estudo.

## INTRODUÇÃO

Há um suposto que nos guiará doravante, o de que memórias e narrativas deixam entrever, ainda que sutilmente, a complexa trama de ações de resistência que, de outra forma, passariam despercebidas. Portanto, os achados aqui reunidos sugerem que percepções - no sentido de atribuição simbólica de significados - dos indivíduos sobre as situações na qual estão inseridos alimentam formas de ações distintas. Essa sondagem, contudo, implica em uma precaução metodológica ao recusar o vínculo sem fissuras entre o valor de face de determinados fenômenos e a maneira como os indivíduos os vivenciam. Essa manobra permite-nos calibrar a escala a partir da qual os discursos podem variar, com outras palavras, quais são as variáveis que importam.

## PERCEPÇÕES DA PRECARIIDADE: TENSÕES E AMBIVALÊNCIAS

O que deixam entrever as narrativas sobre o trabalho em condições de precariedade? Essa pode ser a pergunta que nos guiará na apresentação dos resultados de uma pesquisa realizada com trabalhadores cortadores de cana de açúcar acerca das percepções que os mesmos desenvolvem, ao longo da sua *trajetória*, sobre o seu trabalho. Enquanto relatos de vida, o estudo dessas memórias fez emergir a pluralidade de discursos e o caráter de tensão e ambivalência presentes nas apropriações feitas pelos trabalhadores sobre suas práticas e ações. Assim, a constatação da exploração do trabalho que salta à vista a qualquer um que adentre nesse contexto, não encerra a narrativa sobre o mesmo. No mesmo diapasão, a imagem daquele que é “explorado”, o “subalterno”, deve ser lido com cautela. De forma sucinta, esse é o desafio interpretativo proposto nessa seção.

É preciso dizer antes que, arguir nessa direção não é contrariar a descrição feita sobre as condições de exploração vividas por uma parcela significativa de indivíduos que estão nesse trabalho. De fato, o trabalho no corte da cana de açúcar é precário. Ao menos no sentido do investimento (físico e psíquico) que é demandado para executar as tarefas a ele inerente. Para amarrar a acepção a qual nos referimos, propomos ir além dessa primeira evidência empírica para, com isso, sondar as atribuições de significados feitas sobre as *práticas* desses indivíduos.

O problema surge, assim, quando tais termos se transformam em mecanismos explicativos *per se*, ou seja, quando o que deveria ser explicado passa a ser a explicação. Ora, conformar-se ao vaticínio de um cenário geral de “precarização” - sempre associado a esse tipo de trabalho - ignorando a pluralidade de fenômenos enquadrados nesse processo, equivale a suprimir as ambivalências que rasgam o tecido social, sem as quais a narrativa assume um sentido teleológico. Seu resultado? A demissão da política, da mediação exercida pela *agência*. O corolário não poderia ser outro: o material empírico passa a ser tratado como exemplo eloquente a legitimar concepções predefinidas; uma espécie de “caução probatória” do diagnóstico estabelecido *ex-ante*<sup>3</sup>.

Considero ser esta uma armadilha metodológica<sup>4</sup>. Em alguma medida, procurei resistir ao valor de face com o qual se apresentavam os fenômenos aqui analisados. Por em suspensão esse véu que encobre a realidade, significa não se deixar aprisionar por uma espécie de sociologia espontânea que, não raro, esteriliza o ofício próprio à pesquisa sociológica. Ou, para usar a expressão de Ortner (1995), implica na “recusa etnográfica”.

O que me proponho a fazer no presente estudo é somar com aqueles que não deixam de observar um elemento caro à sociologia, a saber, o caráter reflexivo da ação social. É através dele que podemos trazer a lume as ambivalências, tensões e resistências que nutrem qualquer relação social e que, creio, são capazes de revelar nuances significativas, conquanto algumas vezes desmerecidas.

Das longas entrevistas realizadas com os trabalhadores selecionados para compor a amostra dos casos<sup>5</sup> pudemos perceber como a própria noção de exploração e precariedade

---

<sup>3</sup> Ver Santos Jr. (2014).

<sup>4</sup> Ver Santos Jr. (2013).

<sup>5</sup> No total foram trinta entrevistas com os trabalhadores, das quais dezoito foram gravadas e transcritas. As conversas ocorreram prioritariamente fora dos locais de trabalho, em suas residências, não apenas em razão da impossibilidade de realizá-las na ocasião em que trabalhavam, mas sobretudo pelo desconforto sempre manifesto

ganha diferentes significados nas acepções nativas, que, nem sempre, alinham-se às definições do pesquisador. Por essa pista o que emerge não é a imagem de um sujeito passivo, aprisionado a um contexto de vida e trabalho que lhe furta qualquer capacidade de opor resistência, mas, antes, a figura daquele que atua, que desempenha em algum grau a sua capacidade de *agência*.

Nesse estudo, afirmamos que a linguagem deixa lobrigar uma forma particular em que se manifesta o exercício da *reflexividade*. É através dela que se torna possível a construção de diferentes narrativas, portanto interpretações, sobre um mesmo fato. A tarefa narrativa operacionaliza um modo particular de se posicionar no mundo, ao passo em que deixamos transparecer quem somos. O truísmo da afirmação esconde o amplo e variado conjunto de elementos que estão em disputa quando se chocam realidades distintas. Nesse momento, seria restritivo supor que é apenas em torno dos elementos que compõem a base material das formas de dominação que o conflito se estabelece. Há outro leque de questões que emerge a partir da interpretação dessa primeira dimensão. Quero dizer com isso que as formas de reprodução social não possuem homogeneidade semântica.

Em termos linguísticos, toda representação está lastreada por uma forma particular de narrar, isso se refere tanto a um evento quanto a um objeto. Com isso, quero dizer que um primeiro espaço de confronto surge enquanto disputa sobre diferentes “narrativas”. No contexto do trabalho na cana, temos então a narrativa dos que estão na posição de mando e, no outro lado, a narrativa daqueles a quem as ordens se dirigem. Entre o prescrito e o que opera no real existe um hiato sobre o qual os indivíduos estão em constante disputa. O ideário da usina, dos mais visíveis tais como os incentivos à produtividade, o controle e a vigilância sobre os corpos, até aqueles menos perceptíveis, tais como a desvalorização das queixas dos trabalhadores, encontra forte oposição no discurso produzido pelos próprios trabalhadores no tocante a essas questões. Nos casos analisados, aparecem de maneira clara a oposição entre, de um lado, a “sabedoria da usina”, dos fiscais, e, de outro, a sabedoria nativa dos trabalhadores que funciona como uma espécie de “senso-comum” operário, mas que encampa uma rede de resistências contra os desmandos dos patrões<sup>6</sup>. O “comum” aqui não é sinônimo de banal, mas, refere-se ao fato de ser

---

no momento em que eram abordados no trabalho. Em sua maioria, as conversas aconteceram em particular. Somente em algumas ocasiões, mais das vezes informais, mantive conversas com grupos de trabalhadores.

<sup>6</sup> Ver Scott (1985 e 1990).

compartilhado pelos mesmos. Emergem, com isso, duas narrativas, ou dois discursos, que representam distintas visões de mundo e sustentam ações também distintas.

Sendo distintas as imagens sobre o trabalho no corte de cana, no sentido do que ele representa na vida do indivíduo, variam também as formas de engajamento. Isso acaba por criar clivagens no conjunto dos trabalhadores. Dessa forma, os interesses variam em razão do ciclo de vida, da experiência de migração, da posse de pequena propriedade, do fato de ser casado; ou seja, isso sugere que a compreensão de como as resistências se estruturam irá depender do modo como o trabalhador percebe a si mesmo na relação com o trabalho. O que nos liga, por exemplo, à questão do recurso à Justiça, que, no ritual do conflito, aparece como sendo o “último recurso”. O que se depreende da análise dos casos é que não se trata de um suposto “déficit de conhecimento” dos sujeitos, que nos levaria a reduzir o problema ao cumprimento ou ao não cumprimento das normas, mas da maneira peculiar como se estabelecem os vínculos entre os trabalhadores e suas hierarquias imediatas e entre os próprios trabalhadores<sup>7</sup>.

O que fiz nesse estudo foi reduzir o foco de análise ao nível microsociológico para trazer à tona o modo como se erigem essas imagens e/ou *identidades* do trabalho. Assentadas em uma percepção subjetiva das distintas realidades em que vivem, elas deixam vislumbrar a mecânica das formas de engajamento possíveis. O suposto é o de que os indivíduos exerçam alguma mediação em face dos constrangimentos da estrutura. Os seus interesses, expressos através das imagens/identidades que vão manipulando ao longo dos contextos de interação social, só encontram sentido na medida em que são assumidos de maneira ativa. Não há, portanto, um vínculo restrito que prenda a condição social à identidade social dela recorrente. As *identidades* representam arranjos instáveis e contingentes que animam o modo como se manifestam os seus interesses.

## EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA: ROMPENDO AS BARREIRAS DO ESQUECIMENTO

O objetivo desta seção<sup>8</sup> é apresentar mais uma possibilidade do trabalho com as memórias: romper as barreiras do esquecimento e acessar espaços desaparecidos. Durante a

---

<sup>7</sup> Ver Sigaud (1979, 1996 e 2004).

<sup>8</sup> Esta seção contém dados produzidos por pesquisa de mestrado da autora, defendida no PPGS/UFSCar (2013) que contou com financiamento da FAPESP (Processo nº 2011/03717-8), sob orientação da professora Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva.

pesquisa, por meio do depoimentos de ex-habitantes e frequentadores destes bairros rurais étnicos<sup>9</sup> era possível conhecer estes dois locais extintos e compreender brevemente o modo de vida que lhes preenchia de sentido. Compreendia que, apesar do dinamismo desses locais, eles não resistiram ao processo de aniquilamento imposto por um novo modo de ocupação da terra e de uso do território: a urbanização e consequente concentração demográfica e territorial. Além da discussão acerca das implicações sociais e políticas do próprio desaparecimento, discorreremos sobre o próprio processo de esquecimento como uma estratégia de aniquilamento de modos de vida e, por outro lado, também será possível perceber, como somente por meio do trabalho com memórias, pode-se acessar os subterrâneos do passado<sup>10</sup>.

Sabia da existência desses bairros a partir de alguns relatos dos interlocutores da pesquisa, no entanto, não conhecia com exatidão sua localização geográfica. Assim, precisei retomar o contato com essas pessoas de modo que elas me acompanhassem até tais locais e me apontassem onde suas memórias a levavam, uma vez que na paisagem atual, não restava vestígio de ocupação anterior destes lugares. O Bairro Balisa havia se tornado uma vasta área de pastagem e o Bairro Salvação perdera suas configurações para a monotonia do canavial.

De acordo com Pollak (1989) *“a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”* (p. 204) O autor relativiza o estatuto de verdade de algumas versões históricas, colocando a ênfase na experiência para explicar as razões de existirem tantas versões: *“Acredito que a única coisa que se pode dizer é que existem cronologias plurais, em função de seu modo de construção, no sentido do enquadramento da memória, e também em função de uma vivência diferenciada das realidades.”* (p. 210)

Como uma resistência a esse processo de obliteração social e aniquilamento político, recorri à metodologia da História Oral, bem como às discussões que atestam a legitimidade do uso das memórias individuais como recurso da construção de uma narrativa histórica. A consequência política e ideológica dessa escolha é a promoção, a valorização e o empoderamento

---

<sup>9</sup> Consideramos estes bairros rurais étnicos já que foram ocupados, em períodos históricos diferentes, por duas comunidades étnicas distintas, que se baseavam em formas de sociabilidade rurais. O bairro Balisa era ocupado por imigrantes eslavos e o bairro Salvação era de ocupação de imigrantes japoneses.

<sup>10</sup> Em decorrência dos limites deste *paper*, não foi possível descrever ao leitor o trajeto e as dificuldades encontradas para chegar até estes locais. Em Hasegawa (2013) é possível ter acesso a todo o material de pesquisa.

de visões de mundo que tradicionalmente, pela historiografia oficial, foram deixadas de lado, obscurecidas pelas memórias – impositivas – dos grupos hegemônicos. Como transpor, então, as barreiras do esquecimento? Como interpretá-lo?

Em realidade, o que ocorreu com os bairros étnicos em Lucélia-SP foi um processo de espoliação da memória. O capital, ao avançar por esse territórios, destruindo cercas, casas, escolas, ruas, estradas e pontes fez desaparecer a memória do lugar, a memória física materializada nos objetos. Esse processo desencadeia o desaparecimento de temporalidades e espaços e, portanto, de um modo de vida e de um mundo possível. Por meio do esquecimento, o capital aniquila o passado e deixa os idosos órfãos de suas memórias. Esse processo também implica numa des-historicização do presente, que coloca às gerações mais jovens uma memória imediatista e utilitária do capital.

Percorrer o trajeto em busca dos bairros permitiu o acesso a memórias destruídas e rompeu com um ciclo de apagamento e aniquilamento. Essa ruptura aconteceu em dois sentidos: apontando para o passado, recuperando a consciência das próprias tradições, e apontando para o futuro, pois articula o passado e o tradicional a um contexto de resistência à homogeneização no presente, forjando estratégias calcadas na identidade étnica para o posicionamento crítico à cultura hegemônica. Finalmente, o ciclo se fecha com a transmissão das memórias para as novas gerações por meio desses registros feitos, no contexto das transformações em curso. Assim, a memória intensifica as marcas identitárias, uma vez que reforça os signos internos coletivamente compartilhados, até mesmo aqueles que atualmente não existem mais fisicamente. Mesmo que atestando o desaparecimento destes bairros, a memória dos interlocutores da pesquisa desse tempo “esquecido” ainda estava viva e podia ser contada.

Apesar de termos conseguido encontrar os bairros desaparecidos, os trajetos não foram fáceis de serem percorridos, nem na ida, nem no retorno. As estradas, como antigamente, continuam em péssimo estado de conservação e passam a ideia de que esses locais encontram-se, até hoje, isolados espacial e temporalmente. Alguns porque ainda conservam as formas fantasmagóricas de um passado que nos assombra, outras porque simplesmente tornam difícil acreditar que realmente algo se passou ali, como se fossem criação da imaginação os relatos sobre os bairros, as fotografias e as memórias. Fantasmas, pesadelos, ilusões, esquecimento,

isolamento, aniquilamento e desaparecimento são elementos que acompanharam percurso dessa busca.

Quem é de uma geração que não viveu na época em que esses locais eram vivos é uma experiência de imaginação e criatividade: imaginar uma paisagem completamente diferente e criar para ela um mundo de sociabilidades diversa da atual. Para a geração que viveu neste mundo que já não existe mais fisicamente, visitar o desaparecimento de toda uma época provavelmente é uma experiência muito mais dura, terrível e inominável. Além da frustração causada pelo desaparecimento dos lugares de memória, ter de lidar com a possibilidade de ser classificado como “insano” pois sempre se remete a um passado que se tornou “imaginável” somente – e não fisicamente comprovável, talvez seja dor pior.

### QUESTÕES QUE RESISTEM

Ao invés de alinhavar, como é comum nessa seção, os argumentos levantados nesse texto, propomo-nos a concluir com as questões que resistem, que desafiam a compreensão. Desse modo, vimos como percorrer as narrativas sobre os significados do trabalho no corte da cana de açúcar fez aflorar o modo como os indivíduos equacionam suas estratégias de ação. Não se trata, portanto, de recusar o carácter evidente da precariedade das condições de vida e trabalho, mas, igualmente, não encerrar a análise na constatação desse traço. Se estivermos certos, essa trilha descortina a maneira como os macrofundamentos das estruturas se revelam na escala individual. O hiato que as separa revela-se ao pesquisador como locus de análise para entender, sobre outra perspectiva, as formas de (re)produção social.

Por outro lado, porém, quando as lembranças não são contadas, as experiências do passado deixam de existir simbolicamente e, sem importância, passam a ser o alvo mais fácil do aniquilamento social provocado pelo avanço da lógica capitalista, o que significa um processo inexorável de destruição propriamente dita do passado e da possibilidade de qualquer resistência social ao processo de colonização capitalista. Se a memória aciona elementos identitários justamente por dar um sentimento coletivo de continuidade, o esquecimento abre espaço para que memórias hegemônicas e homogeneizadoras se encarreguem de ocupar o lugar do sentimento comunitário e grupal. Ademais, quando associado a processos de mudanças de modos de vida, os quais implicam em profundas transformações da paisagem, o esquecimento confere à

memória individual a sensação de descontinuidade, já que esta perde os referenciais espaciais aos quais se associa, como Halbwachs (2006) bem afirma com o termo “lugares de memória”. A dor do esquecimento, calada, emudecida, neste sentido, é análoga à dor do exílio (SAID, 2003, p. 1). O que é o esquecimento, então, dentro dessa perspectiva? Ou melhor, qual seu papel e consequência política? É justamente a desarticulação dos laços comunitários, a perda de referenciais historicamente consolidados – os rios, a terra, as árvores. Tal descontinuidade e incoerência são a impossibilidade de se reconstruir a partir do passado. É a tristeza de ver o desaparecimento progressivo e inexorável de tempos e espaços vividos, é deixar para trás, sem a possibilidade de retorno, um modo de vida. É verdadeira “dor mutiladora da separação”. É a espoliação da alma, pois o corpo, em sua materialidade, já havia sido transposto para outro mundo. É o exílio dentro de si mesmo.

### Referências

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HASEGAWA, Aline Yuri. “*De escuro a escuro*”: terra, trabalho e memória nikkei no município de Lucélia-SP. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Carlos: PPGS/UFSCar, 2013. Disponível em: [http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6875](http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6875)

ORTNER, S. “Resistance and the problem of ethnographic refusal”. *Comparative Studies in Society and History*. 37(1), 1995. pp. 173-193.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989a, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória, e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1989b, p. 200-212.

SANTOS JUNIOR, Jaime. Na trama das identidades: vida e trabalho no corte de cana em Sergipe. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-01122014-163005/>>. Acesso em: 2015-08-30

\_\_\_\_\_. Sob o véu da linguagem: desafios e impasses no estudo das identidades. In: *Indagatio Didactica*, vol. 5(2), outubro 2013. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2470/2385>

SCOTT, J. C. *Weapons Of The Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. Yale University, 1985.

\_\_\_\_\_. *Domination and the Arts of Resistance: hidden transcripts*. Michigan: Yale University Press and New Haven and London, 1990.

SIGAUD, L. *Os Clandestinos e os Direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

\_\_\_\_\_. *Direito e Coerção Moral no Mundo dos Engenhos*. In: *Revista Estudos Históricos*, n. 18. Rio de Janeiro, 1996. pp. 361-388.

\_\_\_\_\_. *Armadilhas da Honra e do Perdão: usos sociais do direito na mata pernambucana*. In: *Revista MANA* 10(1): pp. 131-163, 2004.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.